



PRÁTICAS DE MANEJO PARA OVINOS E CAPRINOS

Organização:

FUNARBE
FUNDAÇÃO ARTHUR BERNARDES

UFV
Universidade Federal
de Viçosa

 **IPPDS**
Instituto de Políticas Públicas e
Desenvolvimento Sustentável

AKSAAM



COOVITA
A FORÇA DO VALE DO ITAM - PI

Financiamento:

 **FIDA**
Investindo nas populações rurais

PRÁTICAS DE MANEJO PARA OVINOS E CAPRINOS.

José Antônio de Lima Brito
Francisco Gildevan de Sousa

Revisão técnica: Renato Carvalho Lopes – EMATER-DF

Revisão Geral: Dirce Ostroski e Nathália Thaís Cosmo da Silva

2021

Sumário

Introdução	6
Manejo alimentar	8
Manejo reprodutivo	25
Considerações finais	31
Referências:	32

Introdução

Há poucos anos atrás a criação de caprinos e ovinos no semiárido brasileiro era considerada uma atividade de pouco investimento e baixa produtividade, estando vinculada principalmente ao autoconsumo das famílias e à reduzida comercialização do excedente produtivo. Atualmente o Nordeste brasileiro apresenta os maiores rebanhos do país, sendo que a caprinocultura e a ovinocultura vêm desempenhando um importante papel no desenvolvimento da região. A superação de parte da adversidade historicamente enfrentada pelos criadores deve-se, em certa medida, à ampliação do acesso a assistência técnica, que tem contribuído para a elevação dos índices de produtividade ao estimular o melhoramento genético dos animais e fomentar as boas práticas de manejo.

Nesse contexto estão inseridos os produtores do Território Chapa do Vale do Rio Itaim, e dentre eles, os cooperados da COOVITA, fundada em 17/11/2017, com o propósito de fortalecer a comercialização de ovinos e caprinos no território. Atualmente conta com 309 cooperados, distribuídos em quatro municípios: Betânia do Piauí, Jacobina do Piauí, Paulistana e Queimada Nova. A cooperativa possui um rebanho de caprinos com bom padrão genético, criados tanto de forma extensiva quanto semi-intensiva, onde são aplicadas as boas práticas de manejo sanitário e alimentar. O manejo adequado proporciona aos criadores animais saudáveis, com ganho de carcaça elevado, garantindo melhores resultados na produção e na comercialização.

Entende-se por “manejo” todos os cuidados que o criador deve ter com o seu rebanho. Essas práticas visam proporcionar aos animais boas condições de saúde e nutrição para que possam ter conforto e expressar seus comportamentos naturais, alcançando os

bons resultados produtivos que são esperados pelo produtor rural.

O manejo deve ser encarado pelos criadores como um investimento e não como uma despesa, pois, apesar dos custos iniciais, a correta condução da atividade agropecuária irá proporcionar melhorias significativas na criação dos animais e em sua propriedade rural de modo geral.

O manejo pode ser dividido em: a) manejo alimentar ou nutricional, b) manejo sanitário, e c) manejo reprodutivo. No presente material iremos conhecer um pouco sobre práticas simples que, quando implementadas, proporcionam bons resultados produtivos. Também, veremos de forma mais simplificada, um pouco sobre o manejo reprodutivo.

Antes de prosseguirmos, uma nota importante que todo o produtor deve observar: durante os manejos, seja ele alimentar, sanitário ou reprodutivo, o risco de acidentes no manuseio de produtos químicos (medicamentos, seringas, bisturis, etc) ou durante o uso de máquinas e ferramentas (forrageiras, ensiladeira, facas, etc.) sempre existe e por isso é importante que o produtor use Equipamentos de Proteção Individual (EPI) como botinas, camisas de manga comprida (ou macacão), luvas, óculos e máscara (em caso de uso de produtos químicos), dentre outros.

Manejo alimentar

Quando se fala em manejo alimentar, estamos falando diretamente da alimentação dos animais na propriedade rural. Essa alimentação não significa apenas deixar os animais soltos na área rural sem qualquer cuidado, mas sim, proporcionar condições para que os animais obtenham uma alimentação não apenas de volumosos (pastagens, capineiras, silagens, etc.), mas também de alimentos que contenham proteínas, energia e demais nutrientes necessários para uma boa nutrição.

O método ou sistema de criação que o produtor rural emprega em sua propriedade reflete diretamente na forma que o manejo alimentar é realizado. Neste contexto, as maneiras de condução da atividade são divididas nos seguintes sistemas de criação: sistema extensivo, sistema intensivo e sistema semi-extensivo.

- No sistema extensivo, de modo geral, o produtor não se preocupa muito com a alimentação dos animais, pois estes são criados solto, em áreas de pastagem formadas (roças de capim) consorciadas com pasto natural, ou seja, aquele que nasce em meio a caatinga. Esse sistema também inclui o acesso à folhas de árvores nativas como a favela, jurema, aroeira, dentre outras plantas que, quando as folhas secam e caem no chão, os animais utilizam para se alimentar. Nesse sistema, o custo de criação é reduzido e o produtor não faz suplementação alimentar com ração, e com isso o retorno produtivo e financeiro também é menor.
- No sistema intensivo, acontece o oposto do extensivo, pois os animais são criados presos ou confinados, geralmente sem acesso a pastagem natural, alimentando-se apenas do que lhes é fornecido diretamente nos cochos, contendo todos os nutrientes necessário para seu desenvolvimento. Esse sistema é caracterizado pelo alto custo de investimento inicial de instalações, de mão de obra e de manutenção

da atividade, pois a alimentação dos animais deve estar sempre disponível em qualidade e quantidade adequadas.

- O sistema semi-extensivo, que tem sido muito bem utilizado na região do semiárido, consiste na criação de animais soltos na pastagem, com complementação da alimentação através do fornecimento de silagem, feno, banco de proteínas, alimentos proteinados ou outros suplementos nutritivos geralmente fornecidos no fim da tarde ou início do dia. Esse sistema é mais barato que o intensivo e proporciona ao produtor condições de melhoria significativa na qualidade dos animais.

A seguir, apresentamos alguns alimentos utilizados na complementação alimentar dos animais criados no sistema semi-intensivo:

Silagem – É um material feito a partir de diferentes alimentos como milho, sorgo, capim, folhas de mandioca, etc., que sofreu fermentação dentro do silo, na ausência de oxigênio, ou seja, através de um processo anaeróbico, que tem por objetivo preservar a qualidade nutricional da forragem. Para uma boa produção de silagem três aspectos importantes devem ser observados pelo produtor: teor de matéria seca, teor de proteína bruta e teor de carboidratos. Outro ponto importante ao armazenar a silagem é o uso de inoculantes, que irá promover uma maior estabilidade da silagem após abertura do silo, podendo também atuar como agente antifúngico. Esse produto é constituído de bactérias que auxiliam na fermentação da silagem, tornando esse processo mais rápido e eficiente, além de reduzir as perdas e melhorar a digestibilidade para os animais, principalmente do milho usado na silagem.

O silo pode ser feito em três formas:

- **1.** Silo trincheiras: é feita a escavação de um buraco, revestido com lona impermeável, onde o material triturado é colocado, compacto e enterrado. O silo, após ser construído pode ser armazenado por até dois anos. Após ser aberto, o silo deve ser consumido de imediato ou deve ser fechado para evitar que a entrada de ar estrague todo o material armazenado. O consumo após aberto não deve passar de trinta dias.
- **2.** Silo de superfície: nesse processo uma lona impermeável é colocada em cima do solo, e o material triturado é depositado, compactado e coberto. O Silo só deverá ser aberto após acontecer o processo de fermentação, geralmente em torno de 40 dias após o fechamento.
- **3.** Silo em saco: Nesse caso, o processo é mais barato que os dois anteriores, além de facilitar na hora de alimentar os animais, pois há menor risco de estragar o material ensilado após aberto. O material a ser ensilado deve ser triturado em partículas menores do que 2 cm; após ensacado deve ser bem compactado para retirada de todo o ar e logo em seguida bem fechado. Esse material deve ser armazenado por no mínimo 40 dias, para só depois ser aberto e servido aos animais.





- Foto 01: Silo Trincheira - imagem cedida por José Antônio de Lima Brito, tirada da EFA, Caldeirões.
- Foto 02: Silo de superfície - imagem cedida por José Antônio de Lima Brito, tirada na comunidade Quilombola Tapuío.
- Foto 03: Silo ensacado - imagem cedida por José Antônio de Lima Brito, tirada na comunidade Quilombola Contente.

Feno – Esse processo consiste no corte do material a ser fenado e colocado para secar à sombra, durante três a cinco dias. Após esse período, o material deve ser juntado, compactado e amarrado para ser estocado. Para fazer o feno pode ser utilizado capim rasteiro, tifton, grama estrela, mata pasto, macaxeira, etc.



Produção de feno durante o curso de manejo alimentar e sanitário promovido pela COOVITA através do projeto talentos do Itaim..
Foto cedida por Francisco Gildevan de Sousa.

Banco de proteína – Trata-se de alimentos geralmente cultivados pelos próprios produtores. Nesse sistema são utilizados em sua maioria plantas leguminosas, como a Leucena, moringa, feijão gandu e algaroba. Esses materiais não devem ser utilizados em grandes quantidades, pois há risco de intoxicações dos animais. Orienta-se não ultrapassar 20% do total do alimento consumido pelo animal durante o dia. Pode ser associado ao feno ou à silagem, como também pode ser usado como complementação alimentar no caso de animais criados no sistema extensivo.



Plantio de leucena na comunidade quilombola Custaneira, Paquetá- PI. Foto cedida por Francisco Gildevan de Sousa.

Suplementação mineral - É uma prática de grande importância e que deve fazer parte de todo o ciclo produtivo de uma propriedade rural. Fatores como a raça, o sexo e a fase produtiva podem alterar as exigências minerais dos animais. A forma mais simples de

mineralizar o rebanho é utilizar o sal mineral que já vem pronto de fábrica. Outra maneira, é utilizar um sal mineral a ser preparado pelo próprio produtor. O uso de misturas múltiplas e de sais proteínados surgem como alternativas para reduzir as deficiências de nutrientes no pasto, principalmente nos períodos de maior seca e ausência de capins, que resultam em dietas pobres em nitrogênio.

Manejo sanitário O manejo sanitário consiste em práticas preventivas e curativas no controle das principais doenças que acometem os rebanhos de ovinos e caprinos, sendo de grande importância para o bom desempenho da criação. As boas práticas de higiene são fatores fundamentais para manutenção da sanidade do rebanho. O manejo sanitário preventivos consiste numa atividade básica que o produtor deve executar diariamente como a limpeza dos apriscos, cocheiras e bebedouro. Antes de realizar as ações de vacinação e vermifugação, a limpeza e desinfecção das instalações são fatores essenciais, pois se estes locais não estiverem limpos e organizados, podem ser fontes de disseminação de diversas doenças.



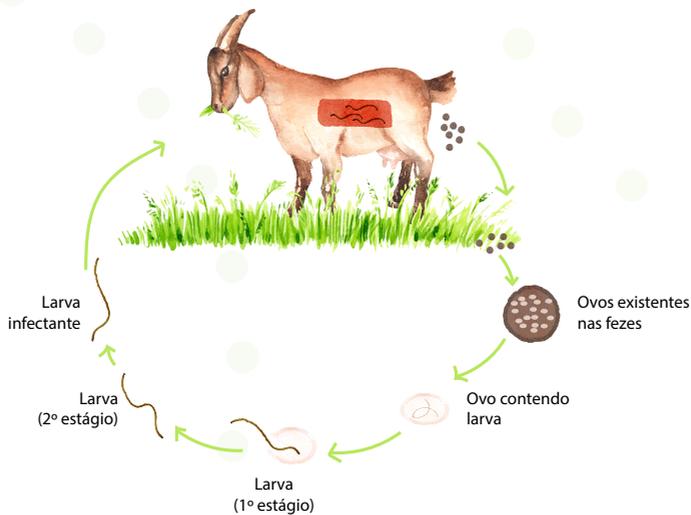
Foto 01. Aprisco com problema de excesso de esterco. Foto 02. Aprisco limpo a cada dois dias.

Fotos cedida por Francisco Gildevan de Sousa.

Quando os animais não são bem manejados sanitariamente, pode ocorrer vários problemas como a baixa produtividade, a redução de peso e o aumento de enfermidades. Os principais sintomas que o produtor deve observar são: o comportamento geral, a temperatura retal (normal para caprinos é próximo a 39 °C), a pulsação, a respiração, o apetite, a aparência das fezes, a vitalidade dos pêlos e os ciclos reprodutivos.

A seguir são descritas algumas das principais enfermidades que podem acometer os ovinos e caprinos:

Verminose – É um problema presente em quase todas as propriedades rurais e que causa prejuízos significativos dentro de um rebanho. É uma doença causada por diferentes tipos de vermes, transmitidos aos animais através de alimentos (principalmente pastagem) e água contaminada com larvas desses parasitas.



Ciclo de vida dos principais vermes dos caprinos e ovinos.
Imagem: Fonte: (BOWMAN, 2010).

Os sintomas mais comuns são: perda de peso, queda na produção de carne e leite, mucosa pálida (anemia), edema da região mandibular, pelos arrepiados e sem brilho, diarreia e desidratação. Para observar em quais situações é necessária a aplicação de medicamentos vermífugos, pode ser empregado o método Famacha®, que ajuda na indicação de diferentes níveis de anemia.



Cartão ilustrativo do método Famacha



Legenda. Utilização do método de Famacha durante o curso de manejo alimentar e sanitário promovido pela COOVITA através do projeto talentos do Itaim.

Crédito de imagem. Francisco Gildevan de Sousa

O tratamento deve ser feito através da vermifugação estratégica, com ao menos três aplicações: a primeira no início de período seco, a segunda no início do período chuvoso e a terceira no final do período chuvoso, geralmente de quatro em quatro meses. Também existem as medidas preventivas que ajudam a controlar a verminose, tais como:

- evitar a superlotação da pastagem;
- evitar pastejo prolongado na mesma área (fazer pastejo rotacionado);
- limpar e desinfetar os comedouros e bebedouros;
- retirar as fezes dos apriscos e evitar pastejo em locais muito úmidos.

Coccidiose ou Eimeriose – Doença causada por protozoários: ocorre com mais frequência na época das chuvas e em áreas úmidas. Os animais novos estão mais sujeitos a essa doença. Os sintomas mais comuns são a diarreia com presença de sangue, falta de apetite, perda de peso e crescimento retardado. Os animais adultos geralmente não apresentam sintomas, porém atuam como disseminadores da doença. O tratamento consiste na utilização de medicamentos à base de sulfas que são facilmente encontrados em casas agropecuárias.

De modo preventivo o produtor deve fazer a limpeza dos apriscos, bebedouros, comedouros e evitar pastos úmidos e superlotação de pastagem.

Ectoparasitose – Doenças causadas por parasitas externos: os três tipos mais comuns são:

- **1. Sarnas** – Doenças causadas por vários tipos de ácaros. Esses parasitas são menores que os carrapatos e se alimentam de sangue. A presença de sarnas diminuí o valor da pele e causa perda de peso nos animais. O contágio ocorre através do contato de um animal doente com outro sadio. As sarnas em geral atacam mais os caprinos na região das orelhas, com formação de crostas, na região cervical, peitoral, torácica e ao redor dos olhos e narinas. Os principais sintomas são nódulos e pústulas na pele, que posteriormente podem se transformar em crostas (cascas de machucados). O tratamento é feito individualmente com produtos específicos. Para evitar o aparecimento de sarnas deve-se limpar e desinfetar com frequência as instalações e evitar que o animal fique em local úmido.
- **2. Miiase (bicheira)** – É causada por larvas de diferentes moscas, principalmente a mosca varejeira, que se aloja em feridas abertas ou orifícios naturais no animal. A mosca deposita os ovos e depois de algumas horas as larvas emergem e penetram o tecido vivo do animal, onde se alimentam e crescem durante cerca de uma semana, quando caem e se transformam novamente em moscas. Os principais sintomas são inquietação, animal estressado e emagrecimento. O tratamento deve ser feito com larvicida, sendo que após a aplicação, deve-se retirar com uma pinça todas as lavas e logo em seguida aplicar cicatrizantes.
- **3. Pediculose (piolhos)** – São parasitas que podem ser sugadores e mastigadores, e se alimentam de sangue, células de descamação e secreções da pele. Os principais sintomas são a coceira e irritação da pele, ferimentos, pele seca, escamosa e com crostas semelhantes às sarnas. Atacam principalmente a linha do dorso – lombar e garupa.

O tratamento deve ser feito em todo o rebanho, de forma uniforme, utilizando produtos específicos que podem ser aplicados na forma de banho, oral ou injetável. Como prevenção, o produtor deve rotineiramente fazer inspeção no rebanho, manter as instalações limpas e desinfetadas e evitar que o animal fique em local úmido.

Doenças infectocontagiosas – São doenças que, se não controladas, podem infectar todo o rebanho. As principais são:

- **1. Linfadenite Caseosa, (também conhecida com mal do caroço)** – Caracteriza-se pelo aparecimento de abscessos (caroços) junto aos gânglios (ínguas) superficiais e algumas vezes nos gânglios internos como o pulmão e intestino. A contaminação se dá através de uma bactéria que penetra através de ferimentos ou mesmo na pele intacta, podendo ocorrer também por via respiratória, digestiva ou cópula. O tratamento deve ser feito através de cirurgia (deve ser aparado os pelos no local e ao redor; em seguida, desinfetar o local do caroço com solução de iodo a 10%; abrir o caroço em toda a sua extensão, com o corte na vertical, e espremer o pus; limpar e desinfetar toda a bolsa com iodo a 10% e em seguida aplicar repelente e cicatrizante.) Todo o material retirado deve ser queimado ou enterrado e os equipamentos utilizados devem ser limpos e esterilizados. O procedimento deve ser feito com luvas. O animal doente deve ser isolado dos demais para evitar que o caroço se rompa, pois o contágio ocorre através do contato com os demais animais do rebanho. Geralmente, recomenda-se que animais que apresentam caroços mais de 2 vezes devem ser retirados do rebanho e abatidos.



Extração de Linfadenite Caseosa, imagem cedida por Francisco Gildevan de Sousa.

- **2. Pododermatite,** também conhecida como frieira ou podridão do casco (é uma enfermidade localizada principalmente na junção da pele com o casco). O traumatismo é causado por umidade excessiva, principalmente quando o animal fica exposto em locais sujos e lamacentos. Os principais sintomas são claudicação (maqueira), dificuldade de locomoção, cheiro fétido no espaço entre as unhas, ulceração e necroses que podem levar a perda dos cascos. Para o tratamento deve-se retirar o animal das áreas úmidas, fazer limpeza dos cascos e retirar o tecido necrosado e em seguida colocar iodo a 10% e sulfato

de cobre a 15%. Para evitar essa doença os animais devem ficar em abrigos secos e higienizados, com passagem do animal em pedilúvio contendo solução de sulfato de cobre a 10%, ou formol a 10% ou cal virgem.



Animal em estágio avançado de Pododermatite, onde foi necessário amputar o pé inteiro. Imagem cedida por Jose Antônio de Lima Brito.

- **3. Ectima contagiosa (também conhecida como “boqueira”)** – Acomete com mais intensidade o cabrito, podendo atingir também o animal adulto. Os sintomas iniciais são pontos avermelhados nos lábios, que em seguida se transformam em pústulas vesiculosas (bolhas), que secam e se transformam em crostas, podendo aparecer também nas gengivas, narinas, úbere, língua, vulva e orelhas.

O tratamento dessa enfermidade deve ser feito retirando as crostas e pincelando diariamente nas lesões uma solução de glicerina iodada a 10%.



Animal acometido por boqueira, imagem cedida por Jose Antônio de Lima Brito.

- **4. Mamite ou mastite** – é uma inflamação no úbere, podendo ter forma aguda, subaguda e crônica. As principais causas são a alta atividade do úbere; a retenção de leite; ferimentos e falta de higiene. A contaminação ocorre através de micróbios que penetram no úbere através de feridas ou orifícios das tetas; utensilio contaminados; pelas mãos do ordenhador ou mesmo através da amamentação das crias, que também pode atuar como um veículo de transmissão da doença. Os sintomas são febre, diminuição da produção de leite, o úbere fica com edemas avermelhado e endurecido. O leite apresenta-se seroso e com coloração avermelhada,

contendo grumos de pus e com mau cheiro. O tratamento deve ser feito com antibiótico em aplicação intramamária ou intramuscular. Para evitar essa doença deve-se tratar previamente os ferimentos do úbero; o ordenhador deve estar sempre com as mãos limpas e manter instalações as limpas e desinfetadas.

- **5. Tétano** – É uma doença infecciosa causada pela toxina de uma bactéria chamada clostridium tetani. Estes microrganismos estão comumente nas fezes dos animais, principalmente dos equinos. Os sintomas mais comuns são rigidez muscular, tremores, cauda estendida, orelhas retas e dilatação das narinas. O tratamento é pouco eficaz, mas deve ser feito com soro antitetânico, tranquilizantes e antibióticos. Como ação preventiva os animais devem ser vacinados com a vacina polivalente, bem como, deve ser feita a esterilização de instrumentos cirúrgicos e instrumentos de aplicação de vacinas e vermífugos, assim como, a limpeza frequente das instalações.
- **6. Pneumonia** – é uma doença que acomete os animais em qualquer idade e se caracteriza por uma inflação nos pulmões. Os principais sintomas são febre, perda de apetite, corrimento nasal e dificuldades respiratórias. O tratamento deve ser feito com vermífugos, antibióticos e anti-inflamatórios. Para evitar o aparecimento da doença deve ser realizada com frequência a limpeza e desinfecção das instalações onde ficam os animais, evitando que o animal fique em local úmido e protegendo o animal da chuva e do frio. O animal doente deve ser isolado dos demais para tratamento.

- **7. Raiva** – é uma doença causada por vírus e atinge o sistema nervoso central do animal. A transmissão é feita através da mordida de um animal doente como o cão, gato, raposa e morcego, sendo este último o principal vetor de transmissão. Os principais sintomas são mudanças de hábitos, ansiedade, pupilas dilatadas, saliva abundante, dificuldade de engolir alimentos e paralisia. A raiva é uma doença fatal, para a qual não existe tratamento. Como prevenção, o produtor deve vacinar o rebanho anualmente contra a raiva. Vale lembrar que a raiva é uma zoonose, ou seja, pode ser transmitida aos humanos. Por isso, deve-se sempre ter o cuidado no manejo de animais suspeitos, usando luvas e evitando contato com secreções como sangue, saliva, fezes, etc.
- **8. Febre aftosa** – é uma doença altamente contagiosa, causada por vírus e que possui capacidade de multiplicar-se e se espalhar rapidamente pelo rebanho. O vírus penetra no animal por inalação ou ingestão da água e de alimento contaminados. Os principais sintomas são febre alta, feridas na boca, na língua, no úbere e nos espaços entre as unhas, além de dificuldade de ingerir alimentos. O tratamento deve ser feito de forma preventiva, através da vacinação anual de todo o rebanho. A vacinação da febre aftosa em ovinos e caprinos não é obrigatória no Brasil, pois estes animais são tidos como animais de sentinela, ou seja, os animais servem de baliza para detectar a presença desta enfermidade nas propriedades rurais, pois são os primeiros a contrair a doença. O Estado de Santa Catarina, é o único da federação onde não é obrigatória a vacinação contra aftosa em bovinos e bubalinos, pois é considerado livre da doença, com obrigatoriedade de quarentena para entrada de animais de outros Estados.

- **9. Artrite Encefálice** – é uma doença que ocorre com maior frequência nos caprinos de leite. Essa doença ataca o sistema nervoso do animal, causando inflamação das articulações e das glândulas mamárias. A contaminação ocorre por meio de secreções das vias respiratórias, urogenital, glândulas mamárias, fezes e salivas, sendo o leite a principal fonte de contágio. Não existe tratamento eficaz, de modo que o animal contaminado deve ser eliminado do rebanho.
- **10. Ceratoconjuntivite** – é uma doença que afeta a função conjuntiva dos olhos dos animais, danificando as córneas e o globo ocular. Dentre os sintomas podemos citar irritação conjuntiva, medo da luz, inflamação e engrossamento das pálpebras, opacidade da córnea e secreção de aspecto purulento. O tratamento deve ser feito com aplicação de pomadas oftálmicas.

Há ainda doenças de cunho nutricional como o **Timpanismo**, que ocorre com a distensão do rúmen e do retículo do animal, ocasionada por gases de fermentação. Os sintomas são distensão do rúmen, inquietação animal, dispneia acentuada (respiração ofegante), salivação, ausência do movimento ruminais e som de tambor no flanco. O tratamento deve ser feito com aplicação de agentes antiespumantes e purgante salino. Para evitar essa doença o produtor deve fornecer ao animal feno ou palha antes de forragem aquosa, incorporar no mínimo 10% de forragem à ração concentrada e evitar alimentar excessivamente o animal após um período de fome, bem como, fornecer água à vontade para o animal.

Manejo reprodutivo

Um bom manejo reprodutivo é fundamental para o sucesso nas atividades de caprinocultura e ovinocultura. É na reprodução que o criador “vê o seu rebanho aumentando” e por isso deve estar atento aos cuidados que vão desde a escolha dos reprodutores e matrizes, passando pelo acasalamento dos animais, até o nascimento e desmame.

A entrada dos animais na vida reprodutiva se inicia na puberdade, que é quando atingem a maturidade sexual. Essa maturidade pode variar de acordo com a raça, com a nutrição, e com os cuidados sanitários, dentre outros fatores. Em geral, o início da reprodução de machos e fêmeas ocorre entre 8 a 12 meses de idade.

Neste material, de forma resumida, iremos enumerar algumas práticas importantes que os criadores podem adotar para o melhor desempenho reprodutivo do seu rebanho.

Ciclo Estral ou Cio - O cio é o período em que as matrizes estão preparadas biologicamente para acasalar, aceitando a monta dos machos. Neste momento, que dura, em média, de 24 a 48 horas, as fêmeas ficam agitadas, subindo umas nas outras, berrando, movimentando a cauda e urinando com mais frequência. A vulva fica mais inchada e avermelhada, apresentando um corrimento mucoso claro. Ocorre também uma redução da produção de leite e do apetite. Nas cabras o cio é mais evidente do que nas ovelhas.

Em animais saudáveis, o intervalo entre os cios, chamado de ciclo estral, acontece em média de 21 dias nas cabras e 17 dias nas ovelhas.

Além da saúde e da nutrição, a ocorrência do cio é fortemente influenciada pela luminosidade. Logo, na região nordeste do Brasil, as ovelhas e cabras podem apresentar o cio em qualquer estação do ano. Já nas regiões centro-sul, o ciclo dos animais acontece principalmente entre no verão e outono.

Nos locais em que o cio ocorre o ano todo, como na região Nordeste, é recomendado que os criadores implementem a chamada “estação de monta natural”, para facilitar o manejo reprodutivo, sanitário e nutricional, favorecendo o nascimento dos animais num mesmo período e a padronização para a comercialização. Esse processo consiste em concentrar o período de acasalamento de todos os animais durante cerca de 45 a 50 dias. A época melhor vai depender dos objetivos do criador.

A título de exemplo, a tabela 01 abaixo indica os períodos para estação de monta e nascimento de ovinos e caprinos de corte na região no Território Vale do Rio Itaim.

Ano 01											
J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Monta 01					Parto 01			Monta 02			
Ano 02											
J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
	Parto 02			Monta 03					Parto 03		

Tabela 01: exemplo de organização sazonal para estação de monta.

Seleção de reprodutores e matrizes - A escolha de reprodutores e matrizes é o ponto fundamental para proporcionar melhoria

dos índices produtivos que o produtor tanto almeja. Para que isso ocorra, alguns aspectos devem ser observados no momento de compra ou seleção de um animal para produção:

- Quanto à escolha dos machos reprodutores, deve ser levado em consideração:
 - Apresentar o padrão da raça desejada;
 - Ausência de tetos suplementares na base do testículo;
 - Bolsa escrotal proporcional, com testículos soltos, simétricos e textura macia;
 - Boa libido, cheirar a vulva e realizar o reflexo de Fleming (macho levantar os lábios superiores quando em presença de fêmea no cio);
 - Habilidade em executar a monta;
 - Ausência de doenças;
 - Em caprinos, evitar animais mochos;

Observando estas características, o produtor estará colocando no seu rebanho um animal de boa qualidade.

Outro ponto que deve ser observado pelo criador é o tempo de permanência desse animal no rebanho. Mesmo o animal tendo uma vida útil de 7 a 8 anos, ele deverá permanecer por um período máximo entre 3 e 4 anos em um mesmo rebanho, para evitar a consanguinidade, que é quando ocorre o acasalamento entre parentes.

- Quanto à escolha das matrizes, deve ser levado em consideração:
 - Apresentar o padrão da raça desejada;
 - Cascos e aprumos regulares;

- Vulva limpa e sem corrimento;
- Úbere simétrico, flexível e alterações anatômicas;
- Evitar fêmeas com tetas extras numéricas (ou seja, mais de duas tetas), excessivamente grossas e com duplo esfíncter;
- Evitar animais com histórico de aborto.

O produtor deve observar que as fêmeas devem ser descartadas conforme critério de seleção adotado na propriedade, mas que a partir do 5º ano de idade, começam a diminuir a produção.

Escolhendo bem os animais para a reprodução o rebanho evoluirá, proporcionando assim um bom manejo reprodutivo.

Prenhez, gestação e parto –Os criadores podem identificar a prenhez por diferentes métodos, dentre eles: a) dosando a quantidade de progesterona das fêmeas através de exame de sangue a partir de 21 dias de acasalamento; b) realizando exame de imagem com ultrassom, e c) pela apalpação externa do abdômen, percebendo a presença do feto a partir dos 100 dias de prenhez. No entanto, as características comuns que facilitam a confirmação da gestação são a ausência do cio, o completo desinteresse pelo reprodutor e a facilidade em engordar.

Nos ovinos e caprinos, o período de gestação é de aproximadamente 150 dias. Portanto, quando bem manejados, são capazes de gerar novas crias a cada 7 ou 8 meses. Nesse período recomenda-se que o criador tenha alguns cuidados especiais que irão contribuir para a ocorrência de maior número de crias vivas, como por exemplo:

- separar as fêmeas prenhes e mantê-las em local seco e bem arejado;

- evitar estresse e transportes rodoviários;
- mantê-las em boas condições nutricionais e sanitárias;
- transferir as fêmeas para uma baia ou piquete maternidade quando se aproximar a época do parto.

Ao aproximar do período do parto, o produtor deve ficar atento aos sinais que o animal apresenta, pois ovinos e caprinos geralmente apresentam facilidade de parto, onde o tempo de nascimento é de aproximadamente 30 minutos. A posição correta de saída do feto é: os membros anteriores primeiro, com a cabeça entre eles, para a posterior saída do corpo e membros posteriores. Outra preocupação que o produtor deve observar é a expulsão da placenta que deverá ocorrer em até 48 horas após o parto. Caso ultrapasse esse período, o animal deverá receber tratamento com medicação adequada. Os principais sinais de parto são:

- A fêmea apresenta-se inquieta, deita-se e levanta-se com frequência;
- Apresenta vulva inchada, corrimento opaco e ligeiramente amarelo;
- Úbere fica duro e avermelhado;
- Deita-se e olha para trás com frequência;
- Respiração acelerada, diminuição do apetite;
- Rompimento da bolsa amniótica e expulsão do feto.

Terminado o parto, o produtor deve proporcionar de imediato o acesso à água, que é consumida em abundância pela matriz, e também alimento, uma vez que a fêmea diminuiu drasticamente a sua ingestão de alimento nas 24 horas que antecederam o parto.

Consanguinidade - Quando esses animais, frutos de acasalamento entre animais com graus próximos de parentesco, começarem a se desenvolver dentro do plantel, o produtor rural deve manter a quantidade de machos sempre controlados, pois quando há machos em excesso acontecem cruzamentos indesejáveis, podendo nascer no rebanho animais de baixo padrão devido à consanguinidade. Para evitar que isso ocorra o produtor deve castrar os animais machos que não serão utilizados para venda como reprodutores. O mesmo acontece com as fêmeas: deve-se evitar que sejam cobertas com o reprodutor “pai”, pois ocorre a mesma situação de consanguinidade e os animais que nascerem dessas matrizes terão tamanho reduzido, levando a diminuição do padrão do rebanho.

Considerações finais

O cuidado que o produtor rural deve ter com o seu rebanho reflete diretamente na qualidade da produção e nos seus ganhos financeiros. Deve-se atentar sempre ao bom estado de saúde e bem-estar dos seus animais. Isso significa que os animais devem estar seguros, bem nutridos, livres de doenças, livres de dor, de medo e de angústia. Para que isso ocorra, é importante que eles possam expressar seus comportamentos naturais. As boas práticas como a limpeza das instalações, o cuidado com a alimentação e o fornecimento de água aos animais, bem como, a vacinação preventiva, são formas eficientes de reduzir o aparecimento de doenças em seu rebanho. Vamos praticar essa ideia?

Referências:

<https://www.emater.mg.gov.br/doc/site/serevicoseprodutos/livraria/Caprinocultura/Caprinocultura.pdf>

<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/917146/1/16Manejoreprodutivo.pdf18122011.pdf>

<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/36612/1/AAC-Estacao-de-monta.pdf>

<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/206551/1/Manejo-Reprodutivo-de-Caprinos-e-Ovinos-em-Regioes-Tropicais-2019.pdf>

Esther Guimarães Cardoso; José Marques da Silva. Silo, silagem e ensilagem, Campo Grande – MS, 14 de fevereiro de 1995, publicação nº02, disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/139015/1/cnpgc-divulga-02.pdf>

Manual de criação de ovinos e caprinos, Rodrigo Vidal Oliveira; Fábio Henrique Bezerra Ximenes; Clayton Quirino Mendes; Rodrigo R. de Figueiredo C.; Ferreira Passos – IABS. CODEVASF, Brasília, 2015

BOWMAN, D.D. In: Georgi's Parasitology for Veterinarians. (9th ed). Elsevier. 2010.

Método Famacha em Ovinos, disponível: <https://zootecniabrasil.com/2020/09/18/metodo-famacha-em-ovinos/> acessado em 16/06/2021.

<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/tetano-sintomas-transmissao-e-prevencao>, acessado em 16/06/2021.

Aspectos da Ovinocaprinocultura no Semiárido Nordeste, Marta Maria Oliveira de Santana, 19/05/2017, disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/aspectos-da-ovinocaprinocultura-no-semiarido-nordestino>

